

Revisitando e resgatando o passado: uma história dentro da história da família Bauer

Elisabeth Graebner¹

“Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá.
As aves que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas, nossas várzeas têm mais flores.
Nossos bosques têm mais vida, nossa vida mais amores.
Em cismar, sozinho à noite, mais prazer encontro eu lá.
Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá.
Minha terra tem primores, que tais não encontro eu cá.
Em cismar sozinho, à noite mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá.
Não permita Deus que eu morra, sem que eu volte para lá.
Sem que desfrute os primores que não encontro por cá.
Sem que ainda aviste as palmeiras, onde canta o sabiá”².

¹ Elisabeth Graebner, é natural de Blumenau/SC, trineta de Philipp Peter Bauer (*02.03.1810 +não consta) e de Ana Elisabeth Weingaertner (*15.07.1813 +não consta), ambos em Enkirch/Alemanha. Casada, residente em Petrópolis/RJ desde 1974 onde atua como pesquisadora, professora de alemão, produtora cultural, fundadora do Kaiserstadt Kulturkreis (Centro Cultural Cidade Imperial) em 1997, e radialista desde 1994 na Rádio Imperial de Petrópolis. Contato: bethgraebner@gmail.com

² Canção do Exílio, de Gonçalves Dias, 1823-1864.

Introdução

Talvez a minha terra, em Blumenau/SC, não tenha tantas palmeiras como descreve o poeta Gonçalves Dias, como o canto do sabiá que me acordava desde criança, até hoje, quando vou à Blumenau para visitar meu lugar ou em busca das minhas raízes, ele continua me acordando com essa melodia única que só eu sei interpretar. Ela volta comigo, ressoando em meus ouvidos e me fazendo viajar para o meu lugar, ouvindo o canto daquele específico sabiá: “Quem sabe, quem viu”?

Sou filha de Herta Meta Graebner e de Willy Bauer. Minha mãe nasceu em 18 de março de 1929, em Massaranduba/SC, cujo pai Max Graebner (meu avô materno), foi assassinado em 21 de setembro de 1940, aos 44 anos de idade, naquela localidade, deixando enlutados minha avó Selma Graebner e 6 filhos menores de idade, conforme registro nos livros da época na Igreja Luterana em Massaranduba/SC.

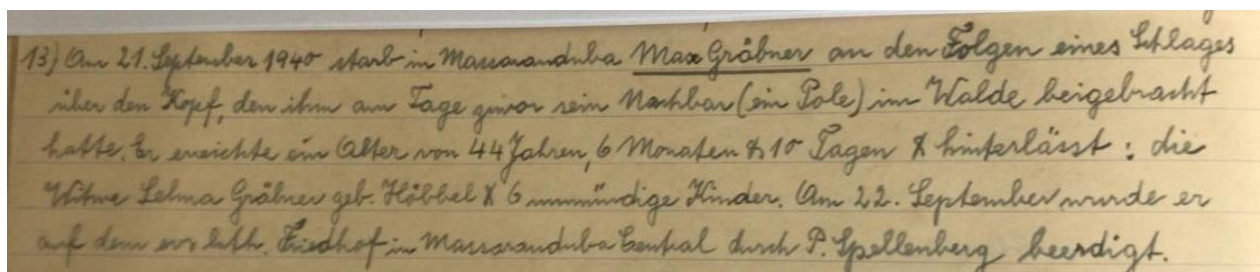


Fig. 1: Tradução: “No dia 21 de setembro de 1940 faleceu em Massaranduba/SC, Max Graebner, em consequência de um golpe na cabeça, desferido por seu vizinho (um polonês) no dia anterior, em meio à floresta. Ele sucumbiu com a idade de 44 anos, 6 meses e 10 dias. Deixa enlutados a viúva Selma Graebner, nascida Hoeppel e 6 filhos menores de idade. Foi sepultado no dia 22.09.1940, no Cemitério Central de Massaranduba pelo Pastor Spellenberg”.

Após essa tragédia, minha avó materna Selma Graebner, nascida Hoeppel, colocou seus 5 filhos mais velhos: Helga, Anita, Erika, Herta e Gerhardt, com idades entre 10 e 16 anos, para cuidados temporários, em casas de famílias que estivessem dispostas a ficar com uma criança capaz de ajudar nos trabalhos diários, em troca de casa e comida. Levou consigo apenas o filho caçula Fridolin, de 9 meses e seguiu para destino ignorado. Minha mãe, Herta Meta Graebner, então com 11 anos, foi deixada com uma família em Joinville, onde permaneceu até o início da adolescência. Em 1943, aos 14 anos ela voltou fugindo, a pé e descalça, bebendo água dos riachos, e se alimentando de goiabas no caminho de volta até Massaranduba, para a casa do seu tio Ricardo Graebner, irmão do meu avô assassinado. Pouco tempo depois foi trabalhar na fábrica de Gaitas Hering em frente à Cia Jensen no bairro de Itoupava Central, em Blumenau/SC. Lá começa a história que relato a seguir. E meu pai Willy Bauer, é o personagem principal dessa história.

Eu nasci no dia 20 de maio de 1953 no mesmo bairro de Itoupava Central, Blumenau/SC. A casa em que nasci, ainda está lá, à direita da subida da Escola e do Cemitério nº 1, na Rua Curt Klein, s/nº e pertencia ao casal Gerda e Gustav Hartmann. Tia Gerda e tio Gustavo, (*Tante Gerda und Onkel Gustav*), como eu os chamaria até o fim de suas vidas, exerciam cargos de chefia na Fábrica de Gaitas Hering onde minha mãe trabalhava

na produção e quando a conheceram, ficaram sensibilizados com seu drama de moça solteira grávida, e sem nenhum amparo familiar. Comovida, tia Gerda convidou-a para trabalhar em sua casa, desta forma quando a criança nascesse, minha mãe poderia cuidar e tê-la por perto. E assim aconteceu. Quando nasci, tia Gerda foi minha madrinha de batismo e eu cresci vendo o casal Hartmann como meus tios, com quem partilhávamos nossas vidas. E numa época em que nem todos possuíam rádio ou televisão, muito menos internet ou celular, onde durante as refeições a família se reunia, minha mãe e meus "tios" contavam histórias sobre a sua infância e adolescência, sobre a relação com os seus irmãos e com seus pais, sobre os momentos difíceis durante a guerra, e sobre as tradições alemãs trazidas da *"Alte Heimat"* (Velha Pátria), pelos seus antepassados imigrantes. Eu sorvia cada palavra e guardava tudo em meu coração. Muitas vezes era comum que alguma das histórias contadas por minha mãe, passasse muito perto da minha grande interrogação, e de tempo em tempo então pedia: *"Mãe, conta de novo aquelas histórias"?*

E as histórias vinham; fragmentadas, nada cronológicas. Mais parecidas com pedaços de um quebra-cabeças que no começo não se conectavam umas às outras, mas que traziam uma "paisagem" comum, e mesmo ainda não se encaixando, já me faziam perceber que faziam parte de uma mesma história.

Desde minha primeira infância, eu soube o nome do meu pai. Soube também em tempo real do nascimento do meu meio irmão paterno mais velho. Dia 18 de dezembro de 1957 eu estava com minha mãe debaixo de um pé de jabuticaba, saboreando as doces frutas, quando ela me contou que naquele dia havia nascido um menino de nome Eraldo Bauer, e que este era meu meio irmão, filho do meu pai e de sua esposa Erica nascida Paulowski, com quem ele casou após separar de minha mãe antes de eu nascer. Em 02 de maio de 1960, eu também soube da chegada do segundo meio irmão paterno, Edomar Bauer. Agora, éramos três; três peças desse quebra-cabeças incompleto: Eu, Eraldo e Edomar. Três meio irmãos, filhos do mesmo pai. Eu a mais velha dos três; cresceríamos separados. Tante Erna, irmã do meu pai, me deu as fotos dos meus irmãos paternos de lembrança quando fomos embora de Blumenau em 1960. Porém, só nos encontraríamos como irmãos de fato, 31 anos depois.



Fig. 2: Elisabeth Graebner, 1954. Fig. 3: Eraldo Bauer, 1958. Fig. 4: Edomar Bauer, 1961.

Acervo pessoal da autora. (Fig. 3 e 4 foram presentes da tia Erna, quando fomos embora de Blumenau).

Apesar dessas informações, faltavam muitas outras para fazer a conexão. Por que, por exemplo, nós (eu e minha mãe) frequentávamos a casa dos meus tios, (irmãos do meu pai) e seus filhos, meus primos? Por que tínhamos uma relação familiar e próxima, de respeito e de carinho com eles, mas não podíamos ter acesso ao meu pai?

A casa da tia Erna Bauer, casada com o tio Erich Volles, era nosso lugar comum. Bastava atravessarmos uma ponte suspensa quase em frente à casa onde morávamos, na Itoupava Central, em direção à margem esquerda, que já estávamos lá.

Eu estudava no Grupo Escolar Emílio Baumgart e quando completei 7 anos de idade, em 1960, nós (minha mãe e eu), nos mudamos de Itoupava Central/Blumenau para Lontras/SC. Foi uma ruptura muito grande pois eu estava deixando para trás minhas tias, meus tios, primos, avós, padrinhos e madrinhas, minha escola, minha professora querida, minha amiga Rosarita Hardt, filha da minha outra madrinha, Wally Hardt que morava do outro lado da rua e minha cachorra Senda.

Meus primos filhos da tia Erna e do tio Erich Volles eram meus melhores amigos com quem passei a melhor parte da minha infância. Anos depois nasceu a caçula Nara Volles.

Na casa da tia Erna, eu também costumava encontrar a opa Christian Bauer e a oma Emma Bauer, pais do meu pai. Ainda tínhamos uma estreita relação com o tio Sigfried Bauer, irmão do meu pai, casado com a tia Erena Litzenberg. Cheguei a conhecer a primeira filha deles, minha prima Karin Bauer, então recém nascida. Anos depois quando já morávamos em Lontras, nasceram seus irmãos Edson Christian Bauer, Fred Bauer e por fim, a caçula Marise Bauer. Mas o meu pai nunca esteve ao meu alcance e na minha cabecinha de criança, ele era como um personagem imaginável de uma história real.



Fig. 5: Edith e Cacilda Volles; Fig. 6: Danilo Volles. Ambas de 1959. Recebidas com dedicatória no verso, lembrança de tia Erna, quando de nossa partida em 1960.

Já em Lontras, minha mãe se casou com Heinz Wilde que era natural de Trombudo Central/SC e pai de 3 filhos pequenos, do seu primeiro casamento. Assim, de uma hora para outra, eu tinha além da minha mãe, um padrasto para chamar de pai e 3 irmãos adotivos; Aster Ruth Wilde com 7 anos, Mário César Wilde com 5 e Ângela Maria Wilde com 4 anos.

Nas fotos abaixo à esquerda minha cachorra Senda que tive que deixar em Blumenau na casa do casal Hartmann e, à direita em 1962, eu e meus irmãos adotivos Aster, Ângela e Mário Wilde na localidade de Lontras/SC.

Fig. 7: Minha cachorrinha Senda, Blumenau 1959-1960.



Fig. 8: Eu com meus irmãos adotivos: da esquerda para direita: Eu, Aster Ruth; Ângela Maria e Mário César Wilde, Lontras, 1962 (Acervo da autora).



Nos anos seguintes nasceram mais três meio irmãos maternos: Karin Wilde, Wiegand Wilde e Dalva Wilde. Meu irmão Wiegand viveu apenas 45 dias e está sepultado no Cemitério Luterano de Lontras, cidade onde morávamos. Depois de Lontras ainda moramos no Rio Selin, em Ibirama, e em Presidente Getúlio/SC.

À medida que eu ia crescendo, as perguntas sobre minha história iam se avolumando e a busca por minhas raízes, que pudessem me conectar com meu passado e minhas origens, também. Porém deparei-me com um incômodo silêncio no âmbito da minha família tanto materna quanto paterna, o que inquietava ainda mais a minha alma, provocando cada vez mais em mim, um desejo desenfreado de desvendar toda essa história e seus personagens.

Porém, em 1974 casei, e vim morar em Petrópolis/RJ, onde residia a família do meu marido, e nos anos seguintes nasceram meus 3 filhos: Ingrid Graebner Prouvot, René Graebner Prouvot e Mônica Graebner de Avellar. Na mesma época minha mãe voltou a morar em Itoupava Central-Blumenau/SC, para bem perto de onde nasci, e onde todas as minhas memórias temporariamente congeladas, não demorariam a descongelar.

E então, três anos depois, vivemos uma grande tragédia familiar. Minha meia irmã materna Karin Wilde, então com 15 anos, faltando um pouco mais de um mês para completar 16, veio a falecer, vítima de afogamento na Praia de Perequê, em Porto Belo/SC, durante uma excursão escolar no dia 20 de fevereiro de 1977, um domingo de carnaval.

Ela foi sepultada no Cemitério nº 1 de Itoupava Central. Tínhamos viajado à Blumenau para batizar meu filho René, e para passar o Carnaval com minha família, mas quando chegamos, Karin já havia saído com a excursão. E naquele domingo de Carnaval que era para ser o dia do batismo do meu filho René, onde ela, minha irmã Karin seria a madrinha, fizemos o sepultamento dela. O batismo do meu filho aconteceu no domingo seguinte,

junto com o culto em memória de minha irmã. O oficiante foi o Pastor Meinrad Piske que também em anos anteriores, celebrou minha confirmação no Rio Selin, em Ibirama/SC, e meu casamento na Igreja Luterana de Itoupava Central, em Blumenau/SC.

Por volta de 1985, enquanto passava férias na casa da minha mãe em Blumenau, como fazíamos uma vez ao ano, fui ao cemitério levar flores para a sepultura de minha irmã, e na volta, ao descer o cemitério por entre os túmulos, meu olhar foi atraído para duas lápides cujas inscrições me paralisaram. Eram as lapides dos meus avós paternos, Christian e Emma Bauer.



Fig. 9 e 10: Lápides de meus avós Christian Bauer e Emma Bauer Bauer (filha de Philipp Bauer e Maria Immich); meus avós eram primos. Ambos estão sepultados, lado a lado, no Cemitério número 1, de Itoupava Central, em Blumenau/SC. (Acervo da autora).

Ver seus túmulos, provocou em mim um sentimento inexplicável. Por que não fui avisada do falecimento deles? Mas, essa visão também despertou em mim a determinação para buscar as minhas origens o mais depressa possível. Eu não poderia mais adiar o sonho de encontrar meu pai e desvendar minha história. Se eu não agisse agora, talvez em alguns anos eu também só o encontraria aqui, no cemitério, da mesma forma como encontrei meus avós Christian e Emma Bauer.

Sem tempo a perder

Então iniciei minha busca e não demorou muito para obter algumas informações. Através de um músico de Blumenau chamado Heinz Hinsching, que esteve aqui em Petrópolis/RJ onde moro, descobri o endereço do meu pai, e também que meus dois meios irmãos estavam casados, e que cada um deles tinha uma filha. Fui orientada por pessoas próximas a não procurar diretamente o meu pai, pois eu poderia causar sérios problemas, tanto de saúde, como ao seu casamento com Erica Paulowski, mãe dos meus irmãos paternos. E isso eu não desejava. Resolvi então procurar primeiro por meus irmãos, e não demorou muito para eu descobrir o endereço do local de trabalho do meu irmão Eraldo Bauer, na Vila Itoupava.

Devido à distância física que nos separa até hoje, resolvi escrever uma carta. Para dizer a verdade, foi quase um livro, me apresentando, narrando tudo que já narrei aqui e deixando para ele, a decisão de me aceitar (respondendo a carta) ou não.

Quase dois meses se passaram, até que chegou o maior presente que eu poderia receber e que mudou minha vida para sempre. Uma carta-resposta do meu irmão que me fez chorar de alegria e emoção. Não sei se ele ainda tem a carta que eu mandei, mas eu ainda guardo a resposta que recebi dele, escrita em 09.12.1988.

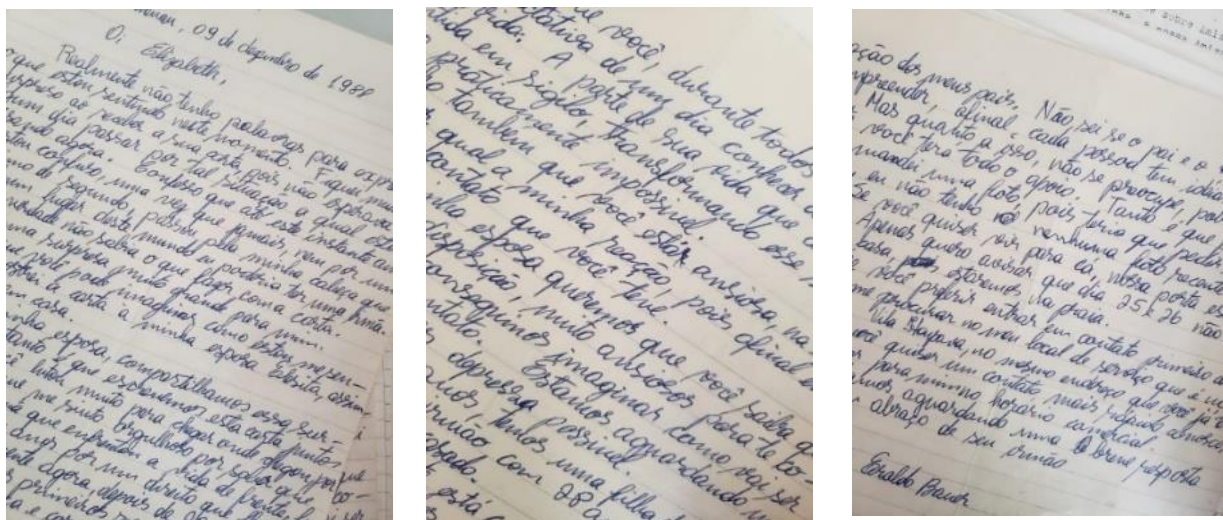


Fig. 11, 12 e 13: Trechos da carta do meu “irmão” Eraldo Bauer, datada de 09.12.1988, em resposta à minha carta de apresentação. (Acervo da autora).

Nessa carta ele propõe um encontro nosso em seu local de trabalho na Vila Itoupava, já que eu estaria com minha família em Blumenau, para passar o Natal na casa de minha mãe.

Esse encontro aconteceu em 28 de dezembro de 1988. Minha filha Ingrid foi comigo e presenciei nosso primeiro momento juntos. Foi uma sensação indescritível. Perguntei ao Eraldo se ele aceitaria ir até a casa de minha mãe para que ele pudesse conhecê-la e vice-versa, assim como meus dois filhos René e Mônica, que tinham ficado em casa, e ele aceitou. A reação de minha mãe foi como se ela tivesse encontrado um elo com o passado. E Eraldo com meus filhos foi uma simpatia instantânea. A partir dali se seguiram dias memoráveis. Conhecemos sua esposa Elesita Zech e a filha Patrícia Bauer, então com 3 anos, mas voltei a Petrópolis sem conhecer o outro irmão, e meu Pai. O fato é que dali em diante tudo aconteceu muito rápido.

Na Páscoa de 1989 Eraldo veio nos visitar em Petrópolis com sua esposa e filha e em novembro do mesmo ano, nascia a segunda filha Larissa Bauer. E a vida me dava mais um presente: Fui convidada para ser madrinha de batismo! Esse batizado aconteceu em 27.02.1990, num domingo de Carnaval, na Igreja Luterana de Itoupava Central, em Blumenau/SC, quando conheci o outro meio irmão Edomar, sua esposa Valéria, nascida Kuehl, e a filha Adriana Bauer, de 4 anos. Também consegui ver meu pai, (mas só de longe).

Alguns meses depois, já de volta em Petrópolis, recebi um telefonema de minha cunhada Valéria Bauer, comunicando que meu pai estava muito doente. Ele fora diagnosticado com leucemia e não teria muito tempo de vida. Dizia que se eu ainda quisesse

encontrá-lo, deveria fazer isso imediatamente. Porém minha situação não permitia uma viagem assim sem programar. Eu tinha o meu trabalho, meu marido idem e três filhos em idade escolar.

Então eu orava e pedia a Deus que ele ainda me permitisse ao menos, um único encontro com meu pai. Que de forma nenhuma se concretizasse meu temor de apenas encontrá-lo na sepultura, como aconteceu com meus avós paternos. E todas as vezes que minha cunhada ligava para dizer que meu pai havia piorado, eu me agarrava na confiança de que Deus ainda me permitiria um encontro com ele.

Então, com planejamento, nós todos de férias, fomos a Blumenau no final de janeiro de 1991 para que, finalmente eu pudesse estar com meu pai. Chegamos na casa da minha mãe numa quinta-feira, e no domingo meu irmão Eraldo Bauer foi me buscar para me levar até a casa do meu pai. Era dia 3 de fevereiro de 1991. Seria a primeira vez que eu estaria com meu pai, e também a primeira vez que entraria naquela casa que eu já conhecia de inúmeras fotos. Eu já havia sido avisada que meu pai estava muito debilitado devido a doença e que ele ultimamente passava mais tempo no hospital do que em casa.

Quando cheguei, a sala estava cheia de vizinhos para visitá-lo, e ele estava deitado sobre um sofá. Com minha entrada, os olhares dos visitantes pareciam repudiar minha presença pois todos já sabiam quem eu era. Meu pai não tinha força sequer, para levantar a cabeça. Me aproximei dele, mas logo ele voltou a passar mal. Então meus irmãos o tiraram da sala e o levaram para um pequeno quarto. E assim que todas as visitas foram embora e ele foi estabilizado, meus irmãos me chamaram para que eu pudesse estar com ele, a sós, pela primeira e quem sabe, única vez na vida?

Entrei no quarto e antes que meu pai se agitasse, ajoelhei em frente a ele que estava deitado de lado, peguei em suas mãos e falei:

Pai, estou aqui para você saber que esse momento foi muito desejado por mim. Tive muito medo que isso nunca fosse acontecer. Mas estar aqui agora, poder pegar em tuas mãos e olhar em teus olhos, frente a frente, é sinal de que Deus abençoou esse encontro.

Então ele juntou todas as suas forças, ergueu seu magro braço esquerdo e o lançou em volta do meu pescoço e começou a chorar. Eu também chorei. Não sei quanto tempo ficamos assim, chorando juntos. Entendi esse gesto como um mudo pedido de perdão. De repente ele voltou a passar mal, e eu chamei meus irmãos que acharam por bem levá-lo de volta ao hospital.

Não sei de onde tirei coragem, mas me ofereci para ficar com ele no hospital, junto com minha cunhada Valéria, e para minha surpresa, todos aceitaram. Era um verdadeiro milagre.

Passei na casa da minha mãe para avisá-la e pedir que ela cuidasse dos meus filhos nos próximos dias, e seguimos até o Hospital Santa Isabel, em Blumenau. Lá passei 4 dias

e 4 noites com meu pai e com minha cunhada Valéria, de domingo à quinta-feira, quando me despedi, para voltar no domingo seguinte. Durante os 4 dias que com ele passei, aproveitei todos os momentos em que ele se encontrava acordado e sem dor, para colher um pouco de sua personalidade. Vê-lo sorrir e ouvi-lo contar sobre a criação de peixes, a plantação de pepinos, os seus cachorros, deixando que o timbre de sua voz penetrasse em meus ouvidos, soava como música para mim. Percebi que meu pai e minha cunhada Valéria, tinham uma relação muito próxima, pareciam pai e filha. Eles conheciam o coração um do outro, como uma filha poderia conhecer do pai e vice-versa. Uma relação de muito carinho e reconhecimento. Na quinta-feira de manhã ao me despedir, ele estava bem. Sem dor, lúcido e conversando. Quando me despedi e já do lado de fora da porta dei um último aceno, ele perguntou: *“Mas você vai voltar, não vai?”* *“Du kommst doch wieder zurück, ja?”* Eu disse, sim! Sim, meu Pai. Domingo de manhã estarei aqui!

Eu realmente voltei no domingo de manhã, um domingo de carnaval. Mas, não seria para um reencontro com ele e sim, para o seu funeral. Ele faleceu naquela manhã. E agora eu entendia que Deus ouviu todas as minhas orações nos últimos meses, permitindo que eu chegasse a tempo do derradeiro encontro e despedida do meu pai. Nem cedo e nem tarde demais.

Mas ainda faltaria um momento doloroso pelo qual eu iria passar, que nunca se apagará das minhas lembranças.

Ao chegarmos no Hospital Santa Isabel, ele estava sendo preparado para o velório e quando finalmente seu corpo nos foi entregue, o carro funerário, seguido dos carros dos familiares, foi de Blumenau até Massaranduba pois ainda era costume fazer os velórios em casa da pessoa falecida.

Os móveis centrais da sala já estavam removidos para que o caixão pudesse ser ali colocado. E assim aconteceu. O caixão foi aberto e todos os vizinhos que estavam em frente à casa, puderam entrar.

Meu irmão Edomar foi buscar o Pastor da Igreja Luterana e quando voltou, ele e o Eraldo visivelmente constrangidos, me chamaram para uma conversa entre nós 4: (Eu, meus irmãos e o pastor). Segundo o pastor, na hora de citar a família enlutada, ele não poderia incluir a mim e meus filhos entre os familiares enlutados pois, pelo fato de eu não ser filha legítima do meu pai, a igreja não me reconhecia como tal. Um silêncio se avolumou em meu peito pois eu não estava preparada para isso, mas então eu disse: *“tudo bem”*. Hoje acho que naquela hora eu não tinha noção do peso que isso exerceria sobre mim. Eu só senti na pele, nos ossos, na carne, no coração e em todos os membros, quando na solenidade de despedida o Pastor chegou na parte que dizia: *“Deixa enlutados a viúva, dois filhos, duas noras, três netas, amigos e vizinhos*. Eu pensei: meu Deus: *“Somos 3 filhos e 5 netos!”* E por um momento desejei não estar ali. O Pastor citou até os vizinhos e os amigos, mas, a mim e meus filhos, não.

Acho que nunca antes em minha vida senti algo parecido. Eu estava no meio dos meus familiares, seus amigos e vizinhos, no velório do MEU pai, abraçada aos meus 3 filhos, que na época estavam com 16, 14 e 9 anos. Ali, naquele momento, eu desejei do fundo do meu ser que uma cratera se abrisse sob os meus pés, e me engolissem, tal era o constrangimento quando todas as cabeças se voltaram em minha direção.

E, no cemitério, a mesma cerimônia foi repetida, pelo mesmo Pastor, e novamente a mesma sensação. Mas se esse era o preço a ser pago; eu estava disposta a pagar. E paguei. Tenho certeza que hoje em dia, nenhuma igreja agiria dessa forma.

Mas na época era assim. Talvez tenha causado estranheza a todos os presentes, o fato de eu aparecer justamente naquela semana, a última de vida do meu pai. Mas ninguém poderia saber a longa estrada que caminhei para chegar até ali, em tempo de me despedir.

Quando nos anos 80, ao encontrar as lápides dos meus avós paternos no Cemitério da Itoupava Central, determinei que faria de tudo a partir daquele momento para procurar meu pai, eu estava certa. Mesmo que minha jornada com ele ter se resumido a apenas 4 dias, estes foram os quatro dias mais intensos da minha vida. Curiosamente meu pai faleceu no dia 10 de fevereiro de 1991, que também era um domingo de carnaval. Coincidências? Hoje posso “visitá-lo” sempre. Ele e minha meia irmã materna Karin Wilde, falecida também num domingo de carnaval, no ano de 1977, estão no mesmo cemitério e eu sou o elo de ligação entre meu pai Willy Bauer e ela.



Fig. 14 e 15: Meu pai Willy Bauer em dois momentos: aos 19 anos, em 1950, quando servia ao Exército e, aos 58 anos, em 1990. (Acervo da autora).

Desde a descoberta da doença de meu pai, a vida dele se esvaiu em menos de um ano. Meu primeiro encontro com ele aconteceu uma semana antes de seu falecimento, e dessa semana eu tive 4 dias e 4 noites com ele, antes que ele adormecesse para sempre.

Em meu livro "A vida em outras palavras", lançado em novembro de 2016, na p. 102, destaco esse poema que escrevi para ele:

Pai, meu Pai.

Onde tu estavas quando tanto precisei?
Onde estavas, quando incansavelmente te busquei?
Em que enredo estavas quando eu mandava cartas que tu não respondias?
Deixando que o carteiro voltasse sempre de mãos vazias?
Onde estavas no meu batizado, meu primeiro dia de aula, minha confirmação, meu casamento, nascimento dos meus filhos?
Olho fotos desses momentos, mas em nenhum deles tu estás.
E nem poderias, pois estavas preso numa trama da vida que tu mesmo construístes.
Então cansei de esperar...
E em vez de esperar, fui te buscar arriscando tudo.
Tudo?
Como tudo, se eu não tinha nada a perder?
Então buscando, te encontrei.
Te encontrei triste e sofrido; doente e abatido.
E mesmo te encontrando, no primeiro instante não pude te abraçar.
Foi preciso mais um ano. Um ano de espera.
De notícias angustiantes, de preces pelo tempo que escorria das minhas mãos...
E, finalmente te encontrei de verdade.
Frente à frente, olhos nos olhos, quando aconteceu o primeiro abraço de nossas vidas.
Mas que vida?
Vida que travava uma luta contra o tempo. Doença miserável que te consumia.
Teus braços mal suportaram o esforço desse nosso primeiro (e único) abraço.
Quatro dias, apenas quatro dias...
Vi teu último sorriso, teu último aceno. E tuas últimas palavras ainda ecoam em meus ouvidos: "Mas você vai voltar, não vai"?
Sim meu pai, eu voltei e sempre volto.
Uma vida inteira, resumida em 4 dias. Dias em que te conheci, acariciei tuas mãos, te contemplei enquanto dormias. Dias em que sorri para e com você. Dias em que você derramou sobre mim, todo seu amor trancado, trancafiado, oprimido e censurado.
Deus me permitiu essa benção. Minha busca por você foi consumada. E apesar de você ter partido...
EU SEMPRE VOLTO! (lá)

Em 1997 eu fiquei viúva aqui em Petrópolis, e em 05.12.2007³, faleceu minha mãe Herta Meta Graebner em Blumenau/SC, que apesar dos pesares, se manteve serena du-

³ Minha mãe Herta Meta Graebner faleceu no dia 05.12.2007, no Hospital Santa Catarina e foi sepultada no Cemitério Jardim da Saudade, localizado às margens da Rodovia BR 470, km 51, no bairro Fortaleza, em Blumenau/SC.

rante todo o desenrolar dessa história com meu pai, pois sabia o quanto isso era importante para mim. A partir de então, eu não tinha mais ninguém da minha família materna em Blumenau.

Mais uma vez pude constatar como são grandes os desígnios de Deus. Graças ao encontro com minha família paterna, agora são eles a família a quem visito todos os anos, no lugar onde passei a fazer questão de estar, todas as vezes quando vamos à Blumenau, e onde sempre somos recebidos, como se nunca tivesse sido diferente.

Ano de 2017

Apesar de ter alcançado o grande objetivo, que me envolvia emocionalmente com a família Bauer, que agora mais do que nunca também passou a ser a minha família, a curiosidade sobre nossas origens, passou a ter um foco bem mais retroativo, e dentro da história. Exemplo:

- 1 – Quem foram nossos antepassados imigrantes?
- 2 – Em que lugar na Alemanha eles viviam?
- 3 – Que profissão exerciam?
- 4 – Quando e por que saíram da Alemanha?
- 5 – Quando chegaram ao Brasil?
- 6 – Em qual lugar do Brasil se estabeleceram?
- 7 – Por que escolheram esse lugar?
- 8 – Quantos vieram?
- 9 – Como se chamavam?
- 10 – Qual o nome da embarcação e do comandante?
- 11 – Eles migraram internamente no Brasil?
- 12 – Quais as razões dessa migração interna?
- 13 – Para onde migraram?

Com o advento das redes sociais, a comunicação se tornou muito mais próxima e rápida. As relações eram mais intensas, as respostas chegavam mais rápidas e as pesquisas eram mais bem sucedidas. Então, finalmente, caiu do céu um verdadeiro presente de Deus!

Através da tia Erna Volles eu já sabia os que nossos antepassados Bauer se instalaram na Colônia Santa Isabel, em 1847, hoje pertencente ao Município de Águas Mornas/SC. Ela, minha tia, era o meu elo de ligação com o passado da família, me fornecendo fotos, nomes e datas dos nossos antepassados. Ela também gostava de contar histórias que guardava tão vivas na memória. Uma das histórias é esta, que foi publicada pelo

Pastor Nelso Weingaertner, na p. 10, do Jornal "O Caminho", da IECLB, publicado em Blumenau/SC, em setembro de 1994, sob o título: "Coragem e a criatividade de nossas avós"⁴.

Em nossas comunidades são conhecidas muitas histórias bonitas, que merecem ser lembradas e guardadas. Às vezes, as mesmas histórias são contadas como acontecidas em diferentes regiões. Isso não significa que se trata da mesma ocorrência. O começo na mata virgem foi muito semelhante nas diversas regiões de Santa Catarina. Assim, é possível que no Sul de Santa Catarina, no Vale do Itajaí e no Norte do Estado, aconteceram coisas muito parecidas. Hoje vamos contar uma história que mostra coragem e criatividade de nossas avós.

Maria Dorothea e o tigre⁵

Em Massaranduba morava a sra. Alma Manke (nasc. Bauer), que nasceu em 1918. Ela é filha de Karl e Maria Bauer (nasc. Hinsching) e neta de Philipp e de Maria Dorothea Bauer (nasc. Hahse, nome que foi registrado como Hasse em Itoupava Central) e bisneta de Philipp Peter e Ana Maria Bauer (nasc. Weingaertner), que vieram para Santa Catarina em 1847. Alma Manke sabia contar muitas ocorrências do passado e foi ela que forneceu a história que aqui registramos, complementando-a com datas que temos em nosso arquivo.

Em 13 de fevereiro de 1877 casaram, em Santa Isabel, Philipp Bauer e Maria Dorothea (nasc. Hahse). Após o casamento, foram morar em Fazenda do Sacramento, onde haviam adquirido terras e construído uma modesta casa no meio de uma grande roça de milho, que no futuro deveria tornar-se pastagem. Tudo era muito simples: a casa era de "pau a pique" (as paredes eram feitas de palmitos rachados, que eram pregados com pequenos espaços preenchidos com barro); as janelas eram feitas de tábuas e, quando estavam fechadas, tudo ficava escuro. Ao lado da casa, ficava um pequeno chiqueiro, onde o casal engordava o seu primeiro porco. Eles também possuíam uma vaca, que ficava amarrada perto da casa, onde recebia trato. Ao redor da casa, andavam soltas algumas galinhas, das quais, de vez em quando, os graxains ou gatos do mato caçavam alguma. Dois cachorros, de razoável tamanho, eram os guardas da casa.

O jovem casal trabalhava com entusiasmo e olhava para o futuro com fé e esperança. Certo dia, Philipp saiu de manhã cedo, para ajudar na construção da casa de um irmão, que seria seu vizinho mais próximo e ficava a meia hora de distância, e só retornaria ao anoitecer. Maria Dorothea foi lavar roupa no riacho de límpidas águas ao lado da casa. Em dado momento, ela ouviu os cachorros atacarem um enorme tigre, a menos de 50 metros da casa. Seu primeiro pensamento foi salvar a vaca, para terem leite para o bebê, que estava por vir. Ela conseguiu puxar a vaca para dentro da casa e fechar a porta e as janelas. Dos dois cachorros ela não ouviu

⁴ Um exemplar desse jornal está comigo, como presente que recebi da minha tia.

⁵ Transcrito como no original. O sobrenome "Hahse", provavelmente seja "Hasse / Haße" em sua grafia de origem. Faço também a observação de que provavelmente tenha havido um equívoco pois não existem tigres na fauna brasileira. Provavelmente tenha se tratado de uma onça, tão perigosa agressiva quanto um tigre.

mais nada. O tigre os matara e logo ela ouviu o tigre abater o porco no chiqueiro e arrastá-lo para o mato.

Durante todo o dia, ela ficou trancada dentro da casa com a vaca, pois o tigre ainda poderia estar nos arredores. Quando o marido voltou, encontrou a esposa tranquila, apesar do ocorrido.

Ambos eram pessoas duma grande fé e confiança em Deus e não se abalaram com o episódio. Numa carta datada de 20 de julho de 1889 (12 anos após o episódio acima), Philipp escreve aos seus tios na Alemanha: "Eu possuo uma colônia com 150 braças de largura e 1.000 braças de comprimento. Uma braça corresponde a seis e meio pés. Todos os meus parentes têm tanta terra como nós; até há alguns que possuem o dobro. Eu possuo duas mulas, um cavalo, três vacas, três bezerras, um touro, 20 porcos e 70 galinhas. Nós somos cinco irmãos: Peter tem 10 filhos, Daniel oito filhos, Christian 11 filhos, eu (Philipp) seis filhos e Julius três filhos. De nossas duas irmãs (que emigraram em 1847), hoje já há 100 descendentes. Está se cumprindo a palavra de Deus: "Ao homem que teme ao Senhor, ele o instruirá no caminho que deve escolher. Na prosperidade repousará a sua alma, e a sua descendência herdará a terra". (Salmo 25.12-13).

No final da década de 1890, Philipp e Maria Dorothea Bauer e mais alguns de seus irmãos migraram com seus filhos para a região das Itoupavas.

O ex-prefeito de Jaraguá do Sul, Victor Bauer, é bisneto e o deputado federal Paulo Bauer tataraneto de Maria Dorothea, a que salvou sua vaca do tigre levando-a para dentro da casa.

Pastor Nelso Weingaertner

A partir de então minhas pesquisas se direcionaram à Águas Mornas, buscando evidências sobre a presença da família Bauer naquele Local. Através de pesquisas dos sobrenomes das famílias imigrantes, confirmei esse fato, e por meio de registros de historiadores e marcos contendo a inscrição dos sobrenomes. Então recebi da Prima Edith Volles, a informação de que no dia 01.10.2017, aconteceria um "Encontro da Família Bauer", no Município de Águas Mornas/SC, mais especificamente na "Linha Bauer", e que alguns primos das Itoupavas estariam presentes.

Eu sabia que agora estava no caminho certo e ávida, esperei por notícias desse encontro que as primas, Cacilda Volles, Karin Bauer e Gísela Karl, poderiam trazer quando voltassem. E elas trouxeram não só notícias, mas também fotos. O melhor presente foi o contato do primo, organizador desse evento e tetraneto de Philipp Peter Bauer e de sua esposa Ana Elisabeth Weingartner. Seu nome? **Marcos Bauer!**

Alguns dias depois, fiz o primeiro contato com ele. Me apresentei, e relatei minha forma pouco convencional de fazer parte da Família Bauer, mas também falando do meu

grande interesse em saber das nossas origens e conhecer a história da família, tentando resgatar e recuperar o tempo em que eu não compartilhei dela.

Para minha surpresa, Marcos, que me reconheceu como sua prima, já que ambos descendemos do mesmo imigrante, me respondeu com um e-mail contendo muitas informações. Ele me enviou fotos dos nossos antepassados, histórias da família, o Brasão de Armas, a Hausmarke⁶, e cartas escritas pelos primeiros imigrantes para a sua terra natal, além da árvore genealógica da família. Talvez nem ele tenha tido a noção exata do quanto o seu gesto representou para mim. Ele estava me presenteando com as peças que completavam esse quebra-cabeças. Uma busca incansável por longos anos estava sendo consumada com seus frutos. Deus estava me colocando em contato com essa inesperada fonte de informações que encontrei no primo Marcos.



Fig. 16: Wappen e Hausmarke, respectivamente, brasão e marca da casa da família Bauer.

Ano de 2021

Tia Erna Volles, única irmã sobrevivente de meu pai, estava muito doente nos últimos tempos e já com 96 anos de idade. Ao mesmo tempo, o ramo da família da opa Christian Bauer planejava um encontro da Família Bauer, lá em Massaranduba/SC, com todos os seus descendentes como filhos, genros, noras, netos e bisnetos. Porém a tia Erna não suportou esperar pelo encontro, vindo a falecer no dia 10 de novembro de 2021, apenas 4 dias antes do evento. A notícia de seu falecimento chegou aqui em Petrópolis, na véspera da nossa viagem para Blumenau, fazendo com que não conseguíssemos chegar em tempo para o seu sepultamento.

Então quando chegamos em Florianópolis resolvemos aproveitar para visitar um amigo naquela cidade, e em seguida, ao invés de irmos até Blumenau como havíamos

⁶ Wappen e Hausmarke: brasão e marca de casa da estirpe Bauer com origem em Enkirch e Traben-Trarbach. Estes símbolos ficavam localizados nas fachadas das casas e em outros pontos informando dessa forma qual família ali habitava. A figura Hausmarke é uma runa germânica semelhante a um “H”, cuja perna do lado esquerdo é um pouco maior comparado a perna do lado direito. Na arte acima está representado o brasão e a marca de casa da família Bauer. Os dois símbolos foram unificados numa única imagem, ambos identificam a família Bauer. As artes desses elementos foram desenhadas por Martin Lorber, profissional heraldista alemão. Brasão de armas ou, simplesmente, brasão, na tradição europeia medieval, é um desenho especificamente criado obedecendo às leis da heráldica com a finalidade de identificar indivíduos, famílias, clãs, corporações, cidades, regiões e nações. Os brasões não eram fornecidos ao acaso para as pessoas. Tiveram as suas origens em atos de coragem e bravura efetuados por grandes cavaleiros. Era uma maneira de os homenagear e às suas famílias. As marcas de casa são encontradas em uma grande área da Europa. Cada marca era uma propriedade hereditária de uma família ou clã, e não individual, funcionava como um identificador coletivo. Eram empregadas para marcar gado, objetos pessoais, mobília, ferramentas, eram aplicadas em fachadas de casas, em portões e marcos de limites de propriedades rurais, em tumbas e monumentos, e na forma de selos usados para lacrar ou autenticar documentos. (Fonte: Marcos Bauer).

planejado, poderíamos ir até Águas Mornas, para conhecer a Colônia Santa Isabel. Quem sabe, se tivéssemos sorte, encontraríamos com o primo Marcos Bauer?

Chegando em Águas Mornas fomos até a Prefeitura Municipal, onde tivemos um breve e frutífero encontro com o historiador Toni Jochem que ainda nos presenteou com o livro de sua autoria: "1829: São Pedro de Alcântara".

Quando saímos de lá, telefonamos para o primo Marcos Bauer e marcamos um encontro na Igreja Luterana em Santa Isabel, distante uns 15 km. No caminho fomos nos encantando com as belezas simples do lugar e quando passamos pelo pórtico turístico da Colônia Santa Isabel, eu me senti como que entrando num "Túnel do Tempo". Foi quase como o pulsar do coração de uma criança, que está prestes a receber um presente muito sonhado.



Fig. 17: Pórtico de acesso à localidade de Santa Isabel, em Águas Mornas/SC, 2021. (Acervo da autora).

Imaginei que nosso encontro com o primo Marcos Bauer seria breve pois ele estava em horário de almoço e precisaria retornar logo, mas mesmo assim eu estava empolgada em tocar nessa ponta da linha que a vida estava me estendendo. Quando chegamos, Marcos já estava esperando por nós no lugar marcado e nosso encontro foi muito além do que eu esperava. Nós já nos conhecíamos por fotos e através de conversas no aplicativo "WhatsApp". Faltava apenas o encontro presencial que estava acontecendo "naquele agora".

Apresentei a ele meu marido que também se chama Marcos. E assim o Marcos primo, nos mostrou a Igreja Luterana de Santa Isabel e nos levou até o cemitério que fica ao lado e onde foram sepultados os imigrantes Philipp Peter Bauer, nascido em 1810 e sua Esposa Anna Elisabeth Bauer, nascida em 1813, ambos em Enkirch, Alemanha. Infelizmente as lápides não existem mais. Uma das razões prováveis segundo Marcos Bauer, é a de que os fundos da igreja ou uma calçada, foram construídas sobre o local. Vários

outros túmulos de outras pessoas também desapareceram. Segundo ele, também existiu um cemitério antigo, (o mais antigo de Santa Isabel), onde foram sepultados os primeiros mortos após a fundação da Colônia Santa Isabel. Esse cemitério funcionou até 1860 e foi desativado, depois da inauguração do cemitério da Igreja Luterana. A localização desse cemitério antigo, ficava acima do chamado “*Felsenkopf*”, (Morro das Pedras). Muitos foram sepultados ali, porém, hoje esse cemitério não existe mais.



Fig. 18: Já com o primo Marcos Bauer, em frente à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB, em Santa Isabel, e a árvore genealógica da Família Bauer, elaborada por ele. Apenas o início de um dia muito frutífero. Ano 2021. (Acervo da autora).

Mas o principal ainda estava por vir. Marcos Bauer, que acabávamos de conhecer, perguntou se gostaríamos de conhecer a “Linha Bauer” ou a “Bauerslinie”, local desbravado pelos imigrantes da família Bauer quando chegaram ao Brasil.

Falamos que sabíamos que ele estava em seu horário de almoço e que ele precisaria voltar ao trabalho, que não queríamos atrapalhar de forma alguma. Mas sua resposta foi: “*Já resolvi tudo por telefone e estou à disposição de vocês. Quem sabe se em algum outro dia teremos uma nova chance*”? Ficamos emocionados e impactados. Deus estava agindo de todas as formas. Só o fato de poder conhecer esse primo que fez um trabalho fantástico de pesquisas sobre a Família Bauer e o disponibilizou sem reservas, já era um presente, mas o que ele se dispunha agora, de nos levar até à Linha Bauer, era uma nova benção de Deus.

Ao subirmos pela estrada de terra em meio às árvores, Marcos foi contando histórias. Em determinado lugar onde havia uma bifurcação à esquerda, ele nos falou: – “Aqui moram os *Kaffeepflücker*”⁷, (termo que nós nunca tínhamos ouvido falar até aquele momento). Então ele nos contou essa saga e disse que recentemente uma equipe de TV

⁷ Os Kaffeepflücker no Brasil: Rastros de uma tragédia histórica na Turíngia. [Gravado em 2019](#), o documentário retrata a história e a cultura de um grupo de descendentes germânicos que vive no interior de Santa Catarina. Sua história remonta à metade do século XIX, onde após extrema necessidade, foram difamados como rebeldes e obrigados a saírem de suas cidades e seu país. Direção de Gerald Backhaus.

da Alemanha esteve no local para produzir um documentário a respeito. Esse documentário foi lançado no início desse ano de 2023 e nós pudemos assisti-lo na Sociedade Germânica, no Rio de Janeiro.

Continuando nosso trajeto subindo a Linha Bauer por alguns quilômetros, finalmente pudemos avistar do alto, a Igreja Luterana. Ao chegarmos no local, eu me senti como sendo integrada no tempo e no espaço. No tempo, por que finalmente eu me sentia conectada com o passado. No espaço físico, pois eu estava ali, onde nossa história começou. E ao caminhar pelo cemitério me senti como se em sonho eu já tivesse estado ali alguma vez. O primo Marcos ia me mostrando as lápides e dizendo:

*Ali estão sepultados os meus avós, bisavós e trisavós; aqui está sepultado Georg Friedrich Bauer (*02.12.1804 Enkirch/Alemanha +13.07.1894 Linha Bauer/Brasil) a sepultura mais antiga desse cemitério. Georg Friedrich tinha boa formação escolar, alfabetizou muitas crianças nos primeiros anos de Linha Bauer. Georg também dirigiu os primeiros cultos na igreja de Santa Isabel (edificada na década de 1850), a qual foi a primeira Igreja Evangélica de Confissão Luterana de Santa Catarina. Hoje ainda é lembrado com muito respeito pelos descendentes Bauer. Marcos continuou detalhando tudo e apontando para o lado esquerdo da rua, nas margens de um pequeno riacho, atualmente uma área de pastagem, nas terras que hoje pertencem ao casal Nilva Bauer e Osmar Scheidt, onde foi construída a primeira casa da localidade de Bauerslinie (Linha Bauer). Na então selva intocada, habitada por índios (Bugres) e animais ferozes, inicia-se uma grande luta para construção das primeiras casas e derrubadas das matas seculares, para as pastagens e áreas de plantio. Nas laterais do pequeno riacho, subindo e descendo, onde havia uma área plana, se ocupava esses pontos para novas moradias. Hoje a maioria dessas casas não existem mais na sua originalidade.*



Fig. 19 e 20: Capela Melanchton, em Linha Bauer, interior do município de Águas Mornas/SC. Eu e Marcos Bauer em frente ao memorial dos fundadores de Linha Bauer, em 2021. (Acervo da autora).

Aquele dia ficou marcado como o meu dia **D. "D"**, de destino, que se encontrava no passado, mas agora conectado com o presente. Um verdadeiro presente que Deus colocou em minha vida através de muitos anjos. Fui quase sendo apresentada aos meus antepassados e vice-versa. O primo Marcos Bauer, foi a pessoa certa, que me levou à essa conexão, ao encontro com minha história e minhas origens. É muito bom saber quem somos e de onde viemos.

Dali seguimos para Blumenau; dia 12 de novembro era o aniversário do Marcos, meu marido. Assim que chegamos fizemos contato com a família Bauer de Massaranduba. Na casa de minha mãe, minha irmã Dalva Wilde estava fazendo o bolo para o encontro que aconteceu dois dias depois, no dia 14 de novembro de 2021, em clima respeitoso e solidário entre todos que puderam estar presentes, mas sem o espírito festivo com que foi pensado. Tia Erna ainda estava muito viva na memória de todos nós. De qualquer modo foi um dia de celebração em família. Ali revi quem eu já conhecia, e conheci aqueles com os quais não tinha nenhum contato até então. Em especial os descendentes da tia Ella, única irmã do meu pai, que eu não cheguei a conhecer. Seguem algumas fotografias desse dia memorável:

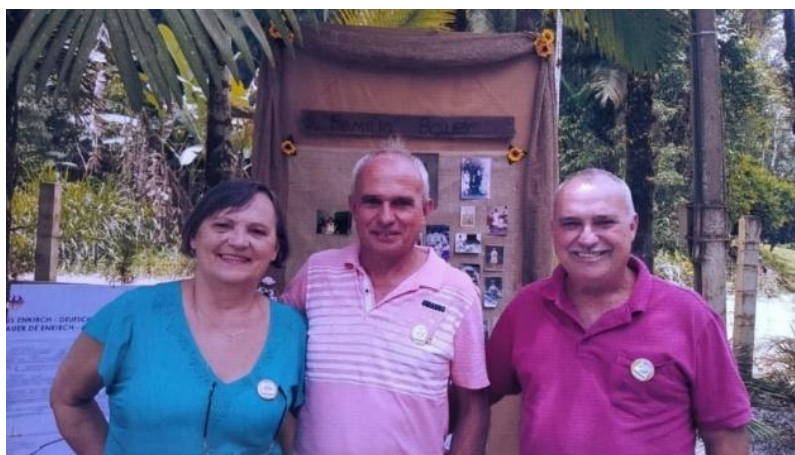


Fig. 21: Eu com meus irmãos Eraldo e Edomar Bauer, em Massaranduba/SC, 2021. (Acervo da autora).



Fig. 22 Entre os primos Bauer por ordem de idade. Todos netos do casal Christian e Emma Bauer. Ausente apenas a prima Nara Volles. Ano de 2021, em Massaranduba/SC. (Acervo: Márcia Keunecke).



Fig. 23: Os primos Bauer com seus respectivos familiares, em 2021, em Massaranduba/SC. (Acervo: Márcia Keunecke).



Fig. 24 e 25: À esquerda: Na varanda da casa que foi da opa Christian e da oma Emma Bauer, em Massaranduba/SC, e hoje está sendo cuidada por seus descendentes. À direita: Quadro no interior da casa, comum nas casas dos colonos antigamente. Tradução: "Dai graças ao Senhor porque Ele é bom e a Sua misericórdia dura para sempre". (Salmo 118;1). Ano de 2021. (Acervo da autora).



Fig. 26: Casa de Christian Bauer, transmitida aos filhos, e hoje aos cuidados de seus netos e bisnetos, em Massaranduba/SC. Ano de 2021. (Acervo da autora).



Fig. 27: Casa de Christian Bauer, transmitida aos filhos, e hoje aos cuidados de seus netos e bisnetos, em Massaranduba/SC, depois de algumas melhorias. 2023. (Acervo: Adriana Bauer).



Fig. 28: Vista lateral da mesma casa que está prestes a completar 100 anos e era de propriedade da opa Christian Bauer, em Massaranduba/SC. Na fotografia a presença da bisneta Adriana Bauer. A casa hoje pertence ao neto de Christian, Edomar Bauer (meu irmão), 2023. (Acervo: Adriana Bauer).

Quem somos e de onde viemos?

Georg Friedrich Bauer (nascido em Enkirch 17.03.1775) e Katharina Elisabeth Bauer (nascida em Enkirch 06.12.1781) tiveram 14 filhos, dos quais apenas 5 migraram para o Brasil. Segue lista dos 14 filhos desse casal:

| N. | *Nome | Local Nasc. | Ano Nasc. | Emigrou |
|----|--|----------------|-------------------|---------------|
| 1 | Ana Maria Bauer | Enkirch | 29.01.1802 | ----- |
| 2 | Catharina Elisabeth Christina Bauer | Enkirch | 21.08.1803 | Brasil |
| 3 | Georg Friedrich Bauer | Enkirch | 08.12.1804 | Brasil |
| 4 | Philipp Peter Bauer | Enkirch | 04.12.1806 | ----- |
| 5 | Philipp Daniel Bauer | Enkirch | 09.12.1807 | Brasil |
| 6 | Philipp Peter Bauer | Enkirch | 02.03.1810 | Brasil |
| 7 | Anna Maria Bauer | Enkirch | 15.02.1812 | Brasil |
| 8 | Maria Elisabeth Bauer | Enkirch | 03.11.1814 | ----- |
| 9 | Anonymus (Menino-nome desconhecido) | Enkirch | 10.12.1815 | ----- |
| 10 | Louisa Elisabeth Bauer | Enkirch | 20.02.1817 | ----- |
| 11 | Philipp Heinrich Bauer | Enkirch | 18.03.1819 | ----- |
| 12 | Anonymus (Menino-nome desconhecido) | Enkirch | 19.09.1820 | ----- |
| 13 | Sophia Elisabeth Bauer | Enkirch | 17.11.1821 | ----- |
| 14 | Anonymus(Menina-nome desconhecido) | Enkirch | 17.12.1824 | ----- |

Dessa relação acima, o nº 6, Philipp Peter Bauer, casou-se com Ana Elisabeth Weingaertner, nascida em Enkirch em 15.07.1813 e foram os pais dos 5 filhos abaixo citados, dos quais três nasceram ainda na Alemanha e dois nasceram na Linha Bauer, em Águas Mornas/SC:

| N. | 1ª geração nascida no Brasil* | Local Nasc. | Data Nasc. | Data Fal. |
|----------|-------------------------------|--------------------|-------------------|-------------------|
| 1 | Philipp Peter Bauer | Enkirch | | |
| 2 | Daniel Bauer | Enkirch | | |
| 3 | Christian Karl Bauer | Enkirch | | |
| 4 | Philipp Bauer (bisavô) | Linha Bauer | 30.09.1854 | 26.03.1930 |
| 5 | Julius Bauer | Linha Bauer | | |

* Pesquisa genealógica feita por Marcos Bauer

Desses 5 irmãos, o nº 4 Philipp Bauer que nasceu em 30.09.1854, na Linha Bauer, casou-se em 13.02.1877 com Maria Dorothea Hasse, nascida em 05.11.1859, que foram os pais de 10 filhos que em grande parte migraram de Águas Mornas para Mas-saranduba/SC, e região das Itoupavas em Blumenau/SC. Conforme o Pastor Nelso Weingaertner, essa migração por parte de alguns para as Itoupavas em Blumenau/SC, já acontecia desde a década de 1890. Segundo anotações de Marcos Bauer, estas migrações aconteciam devido à pouca disponibilidade de terras na Linha Bauer e redondezas. Neste período o número de descendentes já era enorme, resultado de famílias com um grande contingente de filhos. Um outro fator determinante estava ligado a topografia desfavorável das terras caracterizadas pelos terrenos muito acidentados. Após as migrações para região das Itoupavas, Luiz Alves e Mas-saranduba/SC, também foram percebidas algumas vantagens no tipo de solo, ou seja, menos arenoso com menor incidência de pedras favorecendo assim o manejo do solo.



Fig. 29: Philipp Bauer *30.09.1854 + 26.03.1930 faz parte da primeira geração nascida no Brasil. Casado com Maria Dorothea Hasse *05.11.1859 e +11.10.1939; casaram em 13.02.1877, em Santa Isabel/SC. Obs.: Maria Dorothea já foi citada na história que o Pastor Nelso Weingaertner publicou no Jornal "O caminho" (Maria Dorothea e o tigre, que foi compartilhado aqui também). Fotografia da década de 1920 a 1930. (Acervo: Erna Bauer).

Philipp Bauer e Maria Dorothea Hasse Bauer, foram pais do opa Christian e outros 9 filhos e filhas, que são a 2ª geração nascida no Brasil.

| N. | Nome* | Data Nasc. | Data Falec. |
|----------|------------------------------|-------------------|-------------------|
| 1 | Karl Bauer | 01.12.1877 | |
| 2 | August Bauer | 02.08.1879 | |
| 3 | Julius Bauer | 11.08.1880 | 23.07.1973 |
| 4 | Maria Bauer | 06.03.1883 | |
| 5 | Christian Bauer (avô) | 05.04.1885 | 12.07.1970 |
| 6 | Ana Carolina Bauer | 07.01.1888 | |
| 7 | Elisabeth Catharine Bauer | 06.10.1889 | |
| 8 | Wilhelm Karl Bauer | 29.01.1892 | 24.04.1980 |
| 9 | Friedrich Heinrich Bauer | 22.04.1894 | |
| 10 | Albert(?) Bauer | 30.06.1896 | |

*Pesquisa genealógica feita por Marcos Bauer



Christian Bauer casou-se com Emma Bauer, sua prima, nascida em 24.12.1894, filha de Philipp Bauer e Maria Immich.

Fig. 30: Fotografia dos três filhos mais velhos do casal Christian e Emma: Ella, Sigfried e Erna. O filho caçula Willy, (meu pai), ainda não havia nascido. Década de 1920 a 1930. (Acervo: Marcos Bauer).

Os filhos de Christian e Emma Bauer são a 3ª geração nascida no Brasil. Seguem maiores informações:

| | Nome | Data nasc. | Data falec. |
|----------|--------------------------|-------------------|-------------------|
| 1 | Ella Bauer | 25.04.1917 | 02.07.1995 |
| 2 | Sigfried Bauer | 14.04.1921 | 30.11.1996 |
| 3 | Erna Bauer | 04.06.1925 | 10.11.2021 |
| 4 | Willy Bauer (pai) | 13.07.1931 | 10.02.1991 |



Fig. 31: Christian e Emma Bauer já idosos, com os filhos adultos. Da esquerda para a direita: 1) a filha Ella e o marido Adolfo Carl; 2) a filha Erna e o marido Erich Volles; 3), o filho Sigfried e a esposa Erena Litzenberg; e 4) o filho Willy (meu pai) e a esposa Erica Paulowski. Fotografia da década de 1960 a 1970. Acervo: Família Bauer.

E a história continua viva, borbulhante e madura, pronta para ser colhida, antes que como fruta, caia do pé e seja encoberta pelas folhas e não mais encontrada.

Então, minha sobrinha Adriana Bauer me colocou em contato com uma família que conheceu os primeiros irmãos Bauer, que se estabeleceram na região entre Blumenau, Luiz Alves e Massaranduba/SC. Trata-se do Sr. Leopoldo Stringari, um senhor italiano, cuja mãe era descendente da família Kostetzer. Ela se tornou muito amiga de Maria Eichstädt, esposa do Júlio Bauer, que era irmão da opa Christian Bauer, já que ambas falavam alemão. O Sr. Leopoldo e o filho José Marildo Stringari me contaram muitas histórias e é deles o relato a seguir:

Foram 4 os irmãos Bauer que migraram para essa região. O primeiro a chegar foi Carlos Bauer. Era casado, mas não possui registros do nome da esposa. Ele vinha da região da Grande Florianópolis. (Adquiriu as terras junto ao governo; os últimos lotes disponíveis que ficavam bem no limite dos municípios de Luiz Aves, Massaranduba e Blumenau/SC. Carlos era agricultor e construiu uma "atafona" (engenho de moer grãos). Lá era moído o milho para fazer pães, e descascava-se o arroz para os colonos das redondezas. Para produzir derivados da cana de açúcar, ele possuía um pequeno alambique.

Essa propriedade ficava do outro lado da rua e anos depois o Carlos Bauer vendeu essas terras para uma família Müller e foi embora da região, provavelmente para Jaraguá do Sul. A família Müller anos depois também foi embora e vendeu essas terras, para o pai do Sr. Leopoldo, e até hoje pertencem à família Stringari. Mais tarde chegaram os irmãos Júlio, Wilhelm e Christian Bauer, este último, seu avô, Elisabeth.

Júlio Bauer, o segundo irmão a chegar nessa região e sua esposa Maria Eichstädt, formavam um casal feliz, mas uma trágica ocorrência fez com que ela viesse a falecer, em decorrência de um erro médico através de uma injeção aplicada por um médico da Vila Itoupava. O viúvo Júlio se desesperou muito e envelheceu sozinho. Já idoso, vendeu sua casa para mim, "Leopoldo Stringari", e ele foi morar na casa do irmão Christian Bauer onde passou a ser cuidado por teu pai Willi Bauer e esposa.

Hoje nós moramos na casa centenária que compramos do Júlio Bauer. Essa que vemos aí abaixo tendo em frente à casa o casal Júlio e sua esposa. Por coincidência, essa casa foi construída pelo Sr. Edmundo Kostetzer, meu avô e carpinteiro, pois além dessa casa centenária construiu muitas outras em estilo enxaimel na região.



Fig. 32: Casa antiga de Júlio Bauer, em Massaranduba/SC; ele faleceu em 23.07.1973, em Massaranduba; era viúvo e tinha 92 anos de idade. (Acervo: Leopoldo Stringari).



Fig. 33: Recorte da foto ao lado, destacando Júlio Bauer e esposa, identificados por Leopoldo Stringari, aprox. 1910.

Prosseguindo o Sr. Leopoldo e o filho José Marildo Stringari, ainda falam de um 4º irmão, Wilhelm Bauer: Segundo eles, depois da morte do Júlio Bauer, veio uma pessoa até Massaranduba/SC, procurar por parentes de Wilhelm Bauer. Parecia tratar-se de um patrão, dono de uma fazenda onde esse irmão havia trabalhado. Wilhem mais tarde se mudou para Massaranduba pois tinha transtornos mentais em virtude de confrontos vividos em suas terras na Linha Bauer. Teu pai Willy e a esposa Erica tiveram muito trabalho, mas cuidaram muito bem dele até o fim de seus dias.⁸

⁸ STRINGARI, Leopoldo e STRINGARI, José Marildo. Entrevista realizada pela autora, Massaranduba, SC, 2023.



Fig. 34 e 35: Antiga casa de Júlio Bauer, em Braço Direito, Massaranduba/SC, hoje pertencente à família Stringari, após reformas, em 2023. (Acervo: José Marildo Stringari).

Wilhelm Bauer faleceu aos 97 anos, em 24 de abril de 1980, em Terceiro Braço do Norte, Massaranduba/SC. Foi casado, porém em seu registro de óbito, consta apenas seu casamento registrado no cartório Bella Aliança, fls 47 do livro 3, sob o número 66. Não consta nome da esposa. Residia com meu pai e sua esposa até sua morte.

Considerações finais⁹

Ao decidir dar visibilidade à essa história, precisei vasculhar muitos cantos sombrios e entrar em becos escuros e frios, alguns que muito deixaram cicatrizes. Mas também pude visitar jardins arborizados abençoados, pude ouvir sons que abrandaram minha dor na alma, sentir cheiros e arrepios que muitas vezes viravam meu coração do avesso.

E durante o processo de recordar os acontecimentos, lembrar dos lugares onde muita coisa aconteceu, das pessoas que caminharam boa parte desse trajeto ao meu lado, olhar fotografias das pessoas e lugares por onde passei, mergulhar em momentos que o calendário deixou amarelar pelo tempo, que em meu interior estão intactas; reviver as histórias que eu não contei aqui; percebi que dentro de mim ainda ouço a voz do meu pai no hospital contando histórias de sua vida na roça, a voz da minha mãe cantarolando

⁹ Meus agradecimentos a todos que contribuíram e incentivaram: Ao meu primo Marcos Bauer pela acolhida, por toda orientação, apoio e pelo material que possibilitou minha localização dentro da família Bauer; a Toni Jochem e Jonas Bruch – Coordenadores do Projeto “Páginas da Colonização”, pelo incentivo em registrar uma pequena parte da história da família; aos meus irmãos paternos Eraldo e Edomar Bauer e seus familiares pela autorização da publicação de todos os fatos relacionados; a todos os primos e primas, especialmente a Edith Volles pela boa vontade em ajudar, e aos demais pela autorização em publicar os fatos e as fotos; à tia Erna (em memória) pelo fornecimento de fotos, datas, nomes e história; à minha mãe Herta Meta Graebner (em memória) por sua serenidade, força, coragem e fé; ao meu marido Marcos Carneiro pelo incentivo e paciência, Ao Sr. Leopoldo Stringari e seu filho José Marildo Stringari, de Luiz Alves/SC, pelas histórias narradas e também por algumas fotos; à minha sobrinha Adriana Bauer pelo empenho, pelas fotos e principalmente pelo carinho e dedicação na tentativa de conseguir esclarecer os fatos narrados por terceiros; assim como a todos que, de uma ou de outra forma, me auxiliaram fornecendo informações, documentos, fotografias, datas, etc. A todos meus agradecimentos; aos meus filhos e netos, a quem dedico essa trajetória. Creio que iremos nos rever em breve para continuar essa história que tem muitas coisas belas para serem desvendadas.

as velhas canções alemãs, enquanto costurava as roupas de bonecas para a Cia Jensen; vejo a beleza das flores em nosso jardim, ouço a algazarra das crianças na escola, sinto o cheiro das cucas e dos biscoitos na época do Natal, e sinto de novo a presença da minha mãe ajoelhada ao meu lado, como ela fazia todas as noites quando eu ia dormir, enquanto me ensinava a pequena oração, que quase todas as crianças de famílias alemãs sabiam orar: *“Ich bin Klein, mein Herz mach’ rein, soll niemand drinn wohnen als Jesus allein. Amen”*¹⁰



Fig. 36: Minha mãe, (merecedora do meu reconhecimento), comigo no meu batizado, em 1953. Fig. 37: A casa em que nasci e, Fig. 38: A casa onde minha mãe viveu desde sua volta à Blumenau, em 1973, até sua morte, em 2007. As três figuras são em Itoupava Central, Blumenau/SC. (Acervo da autora).

Percebi que dentro de nós as pessoas, os lugares, os cheiros, os sabores, os sons e as cores, são permanentes. Mesmo uma casa demolida, uma árvore cortada ou uma pessoa falecida, está intacta em nossa memória e podemos visitá-la sempre que quisermos. As histórias não morrem. Morremos nós, os atores dessa grande história, que continua seu caminho mesmo após a nossa morte. E eu lembrei muito de um ditado que diz: “Aquele que não sabe de onde vem, também não sabe para onde quer ir”. E eu sempre soube para onde eu quis ir, desde o começo. Por meus filhos Ingrid, René e Mônica e por meus netos Bruno, Larissa, Daniel e Helena, porque eles fazem parte dessa história. Eles têm o sangue Bauer e é meu desejo que eles tenham orgulho disso. Por isso fiz o que me cabia fazer.

A vida é feita de recortes e cabe a nós a tarefa de descobrir onde encaixar cada um. Os recortes individualmente podem não ser todos belos. Uns serão turvos, outros brilhantes, foscos luminosos, coloridos, etc. Mas imaginem todas essas cores e texturas, finalizadas em uma só paisagem. Foi assim que Deus criou o mundo e o entregou a nós com livre arbítrio para construirmos nossa paisagem. Se por algum tempo encontramos somente recortes pálidos e tristes, fiquemos atentos para quando descobriremos os recortes brilhantes e coloridos. Que saibamos todos, administrar tudo o que Deus nos dá, para criarmos a nossa paisagem. Que tenhamos a certeza de que vale a pena fazer dos limões

¹⁰ Tradução: Eu sou pequeno, limpe o meu coração, ninguém deve morar nele, a não ser unicamente Jesus. Amém!

que nos fazem tropeçar nos caminhos da vida, uma deliciosa limonada. Que Deus nos abençoe.

NÃO IMPORTA¹¹

Não importa quanto tempo tenha decorrido
desde a vinda de nossos ancestrais
que em seu caminho derradeiro e sofrido,
pra cá trouxeram a cultura de seus pais.

Não importa se a tensão em fúria louca
os perseguiu com cadeados e grilhões.
Se o medo fez calar as suas bocas,
não conseguiu calar seus corações.

Não importa ainda que as décadas passadas
fizeram tanta coisa adormecer.
Deu tempo pra curar as velhas chagas;
cicatrizando feridas; renascer.

Importa apenas que a força e a esperança
Sobreviveram, apesar dos sofrimentos
que lentamente adormeceram nas lembranças
dando lugar a novos sentimentos.

Importa ainda que hoje nós, seus descendentes
valorizemos seus costumes, sua história;
a sua cultura de tempos remanescentes
que ainda hoje guardamos na memória.

Referências

BAUER, Marcos. **Família Bauer, Linha Bauer (*Bauerslinie*), Águas Mornas/SC: Raízes e sua formação.** Páginas da Colonização: Estudos/subsídios históricos sobre a Colônia Alemã Santa Isabel – 175 anos de Fundação, 2023. Disponível em: <http://tonijochem.com.br/artigos-paginas-da-colonizacao/>. Acesso em: 15 out. 2023.

GRAEBNER, Elisabeth. **A vida em outras palavras.** Petrópolis, RJ: editora Vozes, 2016.

WEINGAERTNER, Nelso. **A coragem e a criatividade de nossas avós.** In: *Jornal O Caminho*, IECLB. Blumenau, set. 1994. p. 10.

¹¹ Autores: Elisabeth Graebner e Fábio Holderbaum. Essa poesia foi a segunda colocada no concurso de poesias promovido pelo Clube 29 de junho por ocasião do sesquicentenário da colonização alemã em Petrópolis/RJ, em junho de 1995. Publicada em 2016 no livro “A vida em outras palavras”, à p. 89.

Outros

BAUER, Adriana. **Acervo fotográfico**. Massaranduba/SC, 2023.

BAUER, Erna. **Acervo fotográfico**. Blumenau/SC, 2023.

BAUER, Marcos. **Acervo fotográfico e documental**. Águas Mornas/SC, 2021.

BAUER, Marcos. **Entrevista** [21 nov. 2021] Entrevistador: Elisabeth Graebner. Águas Mornas/SC, 2021. (gravação em celular e bloco de notas).

GRAEBNER, Elisabeth. **Acervo fotográfico e documental**. Petrópolis/RJ, 2024.

KEUNECKE, Márcia. **Acervo fotográfico**. Massaranduba/SC, 2023.

STRINGARI, José Marildo. **Acervo fotográfico**. Massaranduba/SC, 2023.

STRINGARI, Leopoldo. **Acervo fotográfico**. Massaranduba/SC, 2021.

STRINGARI, Leopoldo; STRINGARI, José Marildo. **Entrevista** [nov. 2023] Entrevistador: Elisabeth Graebner. Massaranduba/SC, 2023. (gravação em celular e bloco de notas).

Como citar este artigo

GRAEBNER, Elisabeth. **Revisitando e resgatando o passado: uma história dentro da história da família Bauer**. Páginas da Colonização: Estudos/subsídios históricos sobre a Colônia Alemã Santa Isabel – 175 anos de Fundação, 2024. Disponível em: <http://tonijochem.com.br/artigos-paginas-da-colonizacao/>.